

Os rumos da educação popular frente à globalização

Telmo Adams
telmoadams@yahoo.com.br

MEJÍA JIMÉNEZ, M.R. 2006. *Educación(es) en la(s) globalización(es). Entre el pensamiento único y la nueva crítica*. Bogotá, Ediciones Desde Abajo, 332 p.

O nome sugestivo da Editora “Desde Abajo” indica o foco epistemológico do lugar desde onde o autor estabelece seu processo reflexivo para os textos que compõem este livro. O título traz no seu bojo uma provocação própria de um educador desacomodado¹, com uma perspicácia crítica frente às colonizações que foram impostas por monoculturas ocidentais do norte e que, incorporadas em nossa cultura, continuarão produzindo seus efeitos se não forem questionadas.

O livro tem por objetivo aprofundar o debate sobre os sentidos e rumos da educação, de modo especial da educação popular, no atual contexto latino-americano atingido pelas profundas transformações e desigualdades geradas pelo modelo de globalização capitalista hegemônico. Analisa a ideologia do pensamento único atrelado à idéia de um único modelo de globalização e propõe uma nova crítica capaz de dar mais conta da complexidade hoje presente em nossas necessidades. Recupera a caminhada histórica da educação na América Latina e partilha com os leitores as descobertas dos processos de pesquisa acompanhados pelo autor a partir do contexto da Colômbia.

O primeiro capítulo atualiza a reflexão crítica sobre o contexto de globalização(ões), passando pela diversidade de compreensões para, no segundo capítulo, fazer a relação com a educação escolar e popular. O terceiro capítulo faz um balanço latino-americano da globalização e educação, aproximando a análise ao caso colombiano, no quarto capítulo. Por fim, o autor faz uma avaliação dos 25 anos do Movimento Pedagógico na Colômbia valori-

zando os aprendizados e apontando perspectivas para a educação frente às exigências advindas das mudanças ocorridas nos últimos anos.

Após afirmar categoricamente que a globalização capitalista e neoliberal não é a única, Mejía Jiménez envereda pelo reconhecimento crítico por dentro dos processos de mudança da globalização hegemônica, buscando compreender as reconfigurações ocorridas nas diversas dimensões da vida. Considera o peso do fenômeno da tecnologia e crescente automatização que, nos últimos anos, gerou e continua gerando profundas transformações no mundo do trabalho. O resultado pode ser observado na “nova pirâmide do trabalho”: uma elite de trabalhadores altamente qualificados e a crescente precarização do trabalho para a maioria dos/as que vivem do trabalho.

O capitalismo reestruturado busca, por quaisquer meios, ampliar a concentração da riqueza produzida, seja por máquinas ou trabalhadores precarizados cada vez mais distantes dos “velhos” ditames do pleno emprego. O fordismo tornou-se demasiado rígido para um mercado e capital que se movem em grande velocidade, graças às transformações que deram um salto durante a década de 1980, com as inovações tecnológicas na automação, robótica e microeletrônica.

O desenvolvimento baseado no toyotismo, que passou a ser hegemônico, se caracteriza pela flexibilização, terceirização, subcontratação e formas de gestão como controle de qualidade total, eliminação do desperdício,

¹ Marco Raúl Mejía Jiménez é co-autor juntamente com Myriam Awad (2001) da obra *Pedagogías y Metodologías em Educación Popular. La negociación cultural: una búsqueda. Fé y Alegría*.

gerência participativa, sindicalismo de empresa. Nesse novo modelo de fábrica, o/a trabalhador/a é “o operário polivalente”. O paradigma da organização hierárquica remodela-se em rede de fluxos interconectados, coordenados, em seus nós, por coletivos auto-organizados, onde os/as trabalhadores/as são, ao mesmo tempo, os/as que pensam e os/as que trabalham.

Segundo Mejía, há indícios crescentes que possibilitam estabelecer uma relação entre diminuição de postos de trabalho e crescimento da informalidade. Nessa reconfiguração, os empregos fixos e com certa estabilidade são substituídos por formas de trabalho temporário totalmente instáveis. Resultante do modelo hegemônico de concentração mundial do capital, a subproletarização constitui uma realidade de trabalho precário como a que acompanhou o capitalismo fabril do século XVIII e que, em grande parte, havia sido superada com as conquistas sociais dos séculos XIX e XX.

As políticas neoliberais deram conta de forçar as mudanças na legislação para facilitar, inclusive, a proteção legal a essas formas precárias de trabalho. Estas atingem mais intensamente os países do sul onde a precarização é maior. Mas a precariedade e a pobreza avançam igualmente nos países do primeiro mundo, embora as empresas transnacionais se transfiram para os países pobres na busca de mão-de-obra mais barata. As partes mais complexas do processo produtivo permanecem na matriz, em geral no primeiro mundo, sendo que as atividades de produção que demandam força de trabalho barata são deslocadas para os países menos desenvolvidos. Assim geram maior desemprego nos países de origem e exploram enormemente os trabalhadores, impondo novas formas de colonialismo a serviço da acumulação capitalista.

É perceptível que um dos resultados da globalização tal como ocorreu debilitou a representação, a participação e organização dos atores sociais. As sociedades são conduzidas a acreditar numa estratégia global irreversível, como um determinismo econômico dissociado do social, do político e do cultural. Frente a isso, os movimentos sociais, antes reconhecidos pelo seu caráter emancipatório, nos últimos anos, foram reconhecidos por sua atitude mais reativa do que proativa. Nesse cenário fortaleceram-se alguns discursos neoconservadores que buscaram obscurecer e neutralizar as utopias

Para Mejía, é nesse ambiente que a experiência de vida da população explicita as fissuras do sistema e faz emergir “o popular”. Ou seja, desde o local, o popular é recuperado através de sujeitos de mudança que reconhecem o peso negativo do sistema mundial globalizado sobre suas vidas. Escancarando as causas da marginalização reconstróem o local como “glocal”, favorecendo a emergência e expressão das identidades populares, a partir

das heterogeneidades determinadas pelas novas realidades do capitalismo. Nesse contexto, a dimensão pedagógica da educação popular em sua ação constitui-se em fonte de conhecimento, saber e poder.

Para avançar, o autor sugere o refinamento do olhar para recolocar a proposta de educação popular em nossa prática. É preciso recolocar nossa ação com novas posturas e metodologias, considerando a emergência de novos imaginários e o surgimento de subjetividades atravessadas por uma gama de novos fatores, diferentes dos últimos 40 anos do século passado. As mudanças culturais provocadas pela incidência das globalizações questionam a idéia de popular da forma como a temos assumido tradicionalmente. Em que medida a educação popular ressignificada pode contribuir para fortalecer projetos contra-hegemônicos, desde a perspectiva glocal?

Em vista disso, retoma a sua contribuição na construção de saberes que vão além do ensino-aprendizagem característico do ensino escolar: Ela depende da prática; age sobre estruturas de ação que modificam imediatamente os processos da vida cotidiana; o espaço de aprendizagem permanece amplo, buscando a intervenção educativa nelas; constrói uma relação indivíduo-realidade; estabelece nexos sujeito-sociedade; se entende como construção; assume a unidade entre sujeito, conteúdo e ação; ressignifica as realidades dos atores.

Seu trabalho investigativo traz a mediação da negociação cultural referenciada como: a) reconstituição de subjetividade (individualização); b) intervenção em processos de socialização; c) intervenção na institucionalidade social; d) vinculação a movimentos sociais; e) intervenção em processos massivos.

Para tanto, defende a necessidade de romper com algumas ilusões quais sejam:

- que enunciar em linguagem já é conhecer ou ter consciência;
- que os atores depois de uma atividade educativa têm plena consciência de seus interesses e motivos;
- que a interação em um ato educativo é horizontal, sem interferências;
- que a consciência é somente um ato racional, com o qual se perdem marcas do corpo, o desejo e outras materialidades.

À luz destas ferramentas mediadoras e culturais, a educação popular retoma o desafio de que qualquer intervenção em grupos humanos requer que os termos da negociação cultural tenham clareza desses elementos presentes. Para ele, negociam-se culturas, mediações, sentidos, representações, saberes técnicos, institucionalidade e a própria lógica interna da aprendizagem.

Entende Mejía que esse processo pode associar-se à (des)construção como caminho pedagógico, como es-

forço de refundamentação da educação popular, em vista de reencontrar os novos modos e sentidos dos atores sociais.

Por fim, o autor conclui sua análise referenciando Paulo Freire como o grande artífice de uma pedagogia latino-americana. De modo geral, reconhecem-se hoje três paradigmas pedagógicos da modernidade: o alemão, o francês e o saxão. E Mejía afirma que o quarto paradigma seria o latino-americano que tem seu fundamento na tradição da educação popular. Ele se diferencia dos demais na medida em que propõe a educação sempre como uma recontextualização em torno de uma opção ética de transformar as condições de existência dos excluídos e segregados. Nesta perspectiva, o conhecimento não é neutro. Produz efeitos sociais de poder e de saber. Assume um projeto de organização e construção de uma sociedade, transformando as condições de injustiça e desigualdade.

Como questão central permanece educação popular que tem a tarefa de difundir pedagogias para a ação e a construção de conhecimentos emancipadores.

Certamente esta é uma obra que vem somar-se criativamente ao movimento de refundamentação da educação popular na América Latina. Com temáticas concatenadas, o livro desperta o interesse dos leitores e leitoras para entrar na história, nos novos desafios e possibilidades para a educação manter-se na “linha de frente”, com sua contribuição indispensável na construção de sociedades justas e sustentáveis em nossa América.

Referência

AWAD, M. e MEJÍA JIMÉNES, M.R. 2001. *Pedagogías y Metodologías em Educación Popular. La negociación cultural: una búsqueda. Fé y Alegria*. Equador, Dimensión Alternativa, 240 p. [Série Estudios Educativos].

Telmo Adams
PPG Educação Unisinos